



Ciência e meio ambiente:
urgências para o ensino
de jornalismo

22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo
e IV Congresso de Jornalismo da Amazônia

De 25 a 28 de Abril de 2023

local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus/AM



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

JORNALISMO, ÉTICA E DIVERSIDADE NA SOCIEDADE DA AÇÃO

DIRETA DO CAPITAL

Dennis de Oliveira (dennisol@usp.br)

RESUMO

A agenda da diversidade ganhou espaço significativo no jornalismo hegemônico por conta da pressão dos movimentos sociais. Tal aumento de visibilidade ocorre dentro dos parâmetros de uma sociedade marcada pela “Ação Direta do Capital” que se caracteriza pela hipertrofia da esfera privada-econômica sobre as esferas pública-política e íntima, revertendo os avanços dos movimentos contraculturais dos anos 1960 que buscaram alargar o arquétipo de cidadania. Assim, a defesa da diversidade se transforma em estilos de vida vendidos como *commodities* por projetos jornalísticos especializados no tema, como o portal Universa do UOL.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo e diversidade – Jornalismo e Ação Direta do Capital – Jornalismo e Relações Raciais e de Gênero – Jornalismo, Ética e Diversidade

1. INTRODUÇÃO

As eleições gerais realizadas no Brasil em 2022 foram pautadas por uma intensa batalha de narrativas. O fenômeno não é novo. Desde o advento das contemporâneas tecnologias da informação e comunicação (TICs) há um impacto significativo na sociabilidade. É evidente uma certa perda da credibilidade dos mecanismos tradicionais de mediação, nos quais se inclui o jornalismo.

Tais problemas impactaram o mundo dos negócios do jornalismo. Alguns autores como Philipp Meyer ao mesmo tempo que decretaram que o jornal no suporte impresso pode desaparecer, insistem que o jornalismo de qualidade ainda é um bom negócio mesmo que em outros suportes (MEYER, 2007). Já outros apontam a necessidade de se usar as tecnologias de informação e comunicação como base para se constituírem novas relações com os consumidores de informação. O que é fato é que o antigo modelo de negócios da indústria jornalística não existe mais.

Porém, a tal crise do jornalismo não pode ser explicada apenas por conta do advento de novos suportes tecnológicos. Alguns fatores devem ser levados em consideração para entender esta crise.

O primeiro é uma **hipertrofia** da esfera privada econômica em detrimento da esfera pública política e a esfera íntima, para utilizar as dimensões societárias conceituadas por Jurgen Habermas (1984). O próprio Habermas já apontava para a mercantilização da esfera pública-política com a mercantilização da atividade jornalística. Para o pensador alemão, a figura do cidadão foi eclipsada pela do consumidor. Entretanto, vamos além disto. Há uma mudança nos paradigmas de produção e reprodução do capital que contribui para a constituição do que conceituamos como “ação direta do capital”. E na sociabilidade da ação direta do capital o que importa não é uma ética norteadora das relações sociais e sim a eficácia na dinâmica da competição.

O segundo fator é que tal hipertrofia da esfera econômica absorve e *comoditiza* as demandas advindas dos movimentos sociais, em particular do período da contracultura, que historicamente atuaram para ampliar o arquétipo de cidadania (e, portanto, da esfera pública-política). Desta forma, uma ética baseada no imperativo categórico, que consideramos central em um jornalismo centrado no esclarecimento kantiano, se transfigura para estilos de vida disseminados por celebridades midiáticas.

Por esta razão, compromete-se o potencial jornalístico como compartilhamento de imediaticidades que possibilita ao cidadão acompanhar a construção histórica a partir da singularidade dos fatos. A agenda da diversidade que ganhou visibilidade nos últimos tempos por conta da pressão de movimentos sociais tem uma representação isenta de conflitos conforme se observa na análise de matérias do portal Universa do UOL entre 18 e 24 de fevereiro deste ano.

2. O ESCLARECIMENTO AINDA EXISTE?

A concepção de jornalismo defendida por Adelmo Genro Filho (1989) ao mesmo tempo que considera que a *Periodika*, proposta de uma “ciência jornalística” elaborada por Otto Groth (2011) acerta ao considerar o jornalismo como uma ação cultural típica do capitalismo, necessita de um “ajuste de contas” para situá-la historicamente. E, desta forma, ao situar o jornalismo como uma forma de compartilhamento do

conhecimento da realidade cristalizada na singularidade dos fenômenos, sinaliza que o potencial da atividade jornalística está em possibilitar ao cidadão o acompanhamento do processo cotidiano de construção da história. (GENRO FILHO, 1989).

Com isto, o jornalismo se transforma uma atividade pautada pela ética, não no sentido meramente normativo mas primado pelo seu papel social de garantir esta conexão com o processo de realização do processo histórico. Mais que uma técnica, o jornalismo é um processo em que se articulam fundamentos éticos, metodológicos e sistemas de codificação específicos com o objetivo de possibilitar esta conexão.

Do ponto de vista dos fundamentos éticos, consideramos que o imperativo categórico kantiano seja um ponto de partida para reflexão do jornalismo. Kant considera que o “contrato moral” precede o contrato social - e este contrato moral é definido pelo princípio de que todo ser humano deva agir da forma que espera que os demais seres humanos ajam em benefício de todos. Entretanto, a moral kantiana não tem uma perspectiva utilitarista e sim parte do pressuposto de um desejo individual e coletivo de um equilíbrio nas relações entre seres humanos.

Os três princípios kantianos que formam este imperativo categórico são:

1. “Age como se a máxima de tua ação devesse tornar-se, através da tua vontade, uma lei universal”.
2. “Age de tal forma que uses a humanidade tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e ao mesmo tempo, como fim e nunca como meio”.
3. “Age de tal maneira que a tua vontade possa encarar a si mesma, ao mesmo tempo como um legislador universal através de máximas”. (Kant, 1974)

Quando observamos que um dos critérios de noticiabilidade mais importantes do jornalismo é a *infração* ou *escândalo* (motivadores, inclusive, do jornalismo investigativo) demonstra-se que o jornalismo atua dentro dos princípios éticos de um de denunciar atitudes que ferem ações que ferem este imperativo categórico.

Ao mesmo tempo que as exigências de isenção do profissional do jornalismo para realizar esta mediação tem como objetivo justamente que o seu papel de selecionar e disseminar determinadas informações que irão pautar o debate público são guiadas por interesses coletivos e não particulares.

Tais valores tem sentido em uma sociedade capitalista em que a esfera privada econômica é regulada e mediada eticamente por uma esfera pública política. Jurgen Habermas (1984) quando apresenta o seu conceito de esfera pública como dimensão em que cidadãos debatem livremente os temas de interesse comum, distingue esta esfera de outras duas: a esfera privada dos negócios (onde o capitalismo se realiza) e a esfera íntima da vida familiar.

O grande problema desta formulação é que, por conta da ação de movimentos sociais, determinados temas que eram restritos a esferas privada e íntima passam a ser objeto de discussão na esfera pública, gerando uma ampliação do conceito do que é interesse público. Alguns exemplos:

a-) O avanço das lutas sindicais no século XIX em busca da regulamentação das relações de trabalho, desde as mobilizações pela jornada de 40 horas semanais, regulamentação do trabalho noturno, feminino e de crianças, estabelecimento de direitos trabalhistas, entre outros.

b-) O avanço das lutas pela igualdade de gênero, combate a LGBTfobia e combate ao racismo principalmente nos anos 1960. O movimento pela igualdade de gênero, por exemplo, sinaliza para a divisão das responsabilidades do trabalho doméstico, o combate a violência doméstica, entre outros. No caso das lutas antirracistas, além do combate ao racismo estrutural e institucional, as lutas contra as atitudes preconceituosas ocorridas em todos os âmbitos, inclusive doméstico.

Assim, o campo onde se exerce a cidadania se alarga entrando, inclusive em temas que tradicionalmente eram situados dentro do que se considerava esferas privadas ou íntimas. Há uma ampliação significativa do universo de pautas que compõem a agenda pública.

Temos assim um crescimento da esfera público-política, particularmente com os movimentos contraculturais dos anos 1960. Douglas Kellner (2001) chama a atenção para como estes movimentos contraculturais impactaram teorias políticas e culturais neste período, em especial a corrente conhecida como pós-estruturalismo. Entretanto, este movimento político-cultural e teórico ocorreu em um momento de prosperidade do capitalismo - o pensador britânico Erik Hobsbawn (1994) considera este período como “os anos de ouro do capitalismo”. Nos anos 1980, já em um

momento de escassez e de reorganização dos paradigmas produtivos e reprodutivos do capitalismo, há uma transfiguração destas cepas do pós-estruturalismo para o que Kellner chama de “teorias pós-modernas”:

Ao longo dos anos 1980, várias cepas do pós-estruturalismo francês sofreram mutação, transformando-se em teoria pós-moderna. (...) Em certo sentido, a teoria pós-moderna ostenta as paixões dos anos 1970 sublimadas em discurso teórico. A fratura ou ruptura desejada nos anos 1960, ruptura então descrita no discurso da revolução, é projetada para a própria história ou para domínios mais limitados da sociedade e da cultura. No entanto, as fraturas e rupturas apocalípticas posturadas nos anos 1960 como objetivo da luta política passam a ser descritas em algumas teorias pós-modernas como rupturas resultantes de novas tecnologias, sem o esforço da luta revolucionária, repetindo, portanto, os velhos discursos do determinismo tecnológico. (KELLNER, 2001, p. 35)

Voltando a concepção de Genro Filho, este alargamento da esfera da cidadania traz alguns dilemas para que se estabeleça as fronteiras e horizontes da ação do jornalismo. Qual seria a agenda selecionada para se conectar o cidadão ao construto cotidiano da história, quais singularidades devem ser compartilhadas, como se estabelecem os imperativos categóricos da ética jornalística neste novo cenário?

3. O CENÁRIO DA DESREGULAÇÃO

Outro elemento que vem problematizar este cenário é a tendência a desregulação com as novas formas de produção e reprodução do capitalismo. Tendência essa que atinge, principalmente, as relações de trabalho.

Conforme afirmamos em Oliveira (2017), o capitalismo globalizado se caracteriza pela constituição de uma rede global, fragmentada e especializada de células produtivas que se conectam. Com isto, as grandes corporações que controlam este processo produtivo impõe globalmente seus paradigmas organizativos pressionando para o fim das regulações de trabalho existentes nos países. É o que chamamos de “Ação Direta do Capital” (Oliveira, 2015):

O conceito que aqui se propõe de ação direta do capital tem uma proximidade discursiva com a proposta anarquista, de crítica e negação do Estado, mas se distancia para outra ponta a medida que propõe a total desintermediação e desregulação nas ações do capital. Não se trata apenas e tão somente do projeto do "Estado mínimo", embora este o componha, mas de uma privatização radical de todas as esferas da vida. Tal perspectiva se expressa ideologicamente no discurso midiático por meio da deslegitimação das instituições de Estado, de uma crítica de caráter moral da política e da oposição qualitativa entre a eficiência da "sociedade civil" e ineficiência da "sociedade política". (Oliveira, 2015, p. 416)

Com este cenário, o que temos é uma movimentação em sentido inverso da esfera pública-política para a esfera privada dos negócios. É esta esfera privada dos negócios que se hipertrofia e passa a incorporar as demandas advindas dela própria, bem como da esfera pública-política como também da esfera íntima. Por isto, há a transfiguração do sentido revolucionário da agenda contracultural dos anos 1960 para o enquadramento “nos domínios mais limitados da sociedade e da cultura” como afirma Kellner (2001).

A pensadora estadunidense Nancy Fraser (2018) chama este processo de incorporação mercadológica da agenda da diversidade fortalecida nos tempos contraculturais de “neoliberalismo progressista”. Esta corrente, segundo Fraser, foi a combinação do *reconhecimento* da diversidade e das diferenças colocadas pela agenda dos movimentos sociais pautados pela vertente contracultural com o modelo de *distribuição* do modelo neoliberal de economia. Em outras palavras, uma distribuição controlada pelo centro do grande capital por meio da desregulação global (o que significa um voto a favor da meritocracia) com o reconhecimento da existência das diferenças. Para Fraser:

A redução da igualdade à meritocracia foi especialmente fatídica. O programa neoliberal progressista para atingir uma ordem de status justa não visava a abolir a hierarquia social, mas “diversificá-la”, “empoderando” mulheres “talentosas”, pessoas de cor e minorias sexuais para que chegassem ao topo. E esse ideal era inerentemente específico a cada classe: voltado para garantir que indivíduos “merecedores” de “grupos sub-representados” poderiam atingir posições de prestígio e poder aquisitivo igual aos dos homens brancos heterossexuais de sua própria classe. A variante feminista diz isso; mas, infelizmente, não é a única. Focado em “afirmar-se” e “quebrar o teto de vidro”, seus principais beneficiários só poderiam ser os que já possuíam o necessário capital social, cultural e econômico. Todos os outros seriam mantidos no andar de baixo. (FRASER, 2018, p. 47)

Esta reposicionamento das esferas pública, privada e íntima coloca o jornalismo comercial em uma situação favorável pois é uma instituição que justamente combina dois elementos: ter uma ação na esfera pública e, ao mesmo tempo, ser uma instituição empresarial, portanto, da esfera privada. Teoricamente falando, o jornalismo poderia sair com vantagem nesta nova configuração das posições das esferas sociais. Mas como então se explica a tal crise do jornalismo?

Entra aqui outro elemento que é consequência da desregulação: a decadência do imperativo categórico kantiano como norteador da ética. A hipertrofia da esfera

econômica, ao mesmo tempo que a coloca em uma posição hegemônica ante outras esferas, dissemina, por esta razão, os seus valores como referências de sociabilidade. E o valor referência da esfera econômica do capitalismo é a *competição*.

Quando Kant apresenta o seu imperativo categórico como norteador de um contrato moral que é a base do contrato social está sinalizando para um conjunto de comportamentos individuais que fortaleça um coletivo. Porém, em uma lógica de competição o que vale é a vitória. As referências que se buscam são aquelas que possibilitam enfrentar as barreiras existentes e derrotá-las.

É com base nisto que se organiza o “neoliberalismo progressista” de que fala Fraser. A visibilização de “representações” de grupos minorizados ou subalternizados ao mesmo tempo que atende a pauta de *reconhecimento* o enquadra dentro da perspectiva societária da *competição*, fundamento das políticas distributivas do modelo neoliberal.

4. A DIVERSIDADE NO UNIVERSIA

Várias empresas jornalísticas investiram em criar estruturas internas que discutem a diversidade de gênero e de raça. Em boa parte, tais iniciativas foram produto de pressão do movimento social de negros e do movimento feminista, particularmente quanto a representatividade destes segmentos no jornalismo brasileiro. O avanço das ações afirmativas nos processos seletivos para os cursos superiores no Brasil nos primeiros anos deste terceiro milênio aumentou a presença de negras e negros entre os profissionais de jornalismo, contribuindo para esta pressão.

É fato que o machismo e o racismo ainda impera na maior parte das redações dos órgãos jornalísticos. A pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro” de 2021, sistematizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) aponta que apenas 29,9% dos profissionais do jornalismo são negros (pretos e pardos) contra 67,8% de brancos. No recorte gênero, 57,8% são mulheres e 41,9% homens. Apesar desta maioria feminina, ainda são poucas as mulheres que tem funções de comando de redação na maior parte dos grandes órgãos jornalísticos brasileiros.

Uma das experiências de abordar a temática da diversidade racial e de gênero nos órgãos jornalísticos foi a criação de editorias específicas para este tema. Um

exemplo é o portal “Universa”, do UOL (Universo On Line). Este portal foi criado em maio de 2018. Quando completou um ano, a sua gerente Tatiana Schibuola comentou:

"Há um ano, o UOL criou Universa, uma plataforma com a proposta de questionar antigos padrões existentes. Entendemos que todo assunto é assunto de mulher, mas abordá-los sob uma perspectiva feminina tem efeito transformador. Dentro dessa proposta, convidamos mulheres inspiradoras ao Universa Talks para discutir os temas mais pertinentes do momento. Falaremos de diversidade, autoestima, representatividade, direitos da mulher, carreira e negócios, alguns dos principais pilares da plataforma". (in “Universa completa um ano e apresenta evento Universa Talks” in: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/imprensa/universa-completa-um-ano-e-apresenta-evento-universa-talks.html>.- acesso 24/02/2023)

O evento “Universa Talks” contou com o patrocínio de Avon, Coristina e a marca de automóveis Caoa. A gerente de marketing do UOL, Mariana Domene, informa que o objetivo do evento é dar foco ao “protagonismo feminino ao lado de *marcas engajadas e mulheres de grande representatividade*” (grifos nossos). Percebe-se aqui como a *representatividade*, aliada a “marcas engajadas” sinaliza para uma incorporação de ação política (engajamento) tendo como sujeito o capital (“*marcas*”). O protagonismo feminino é enquadrado dentro da perspectiva do neoliberalismo progressista.

O portal Universa aborda assuntos também relativos a raça, LGBTQI+, política, entre outros, com *tags* específicas que estão informadas na barra de menu superior do portal na opção “Transforma” – seção onde estão alocadas as mulheres que protagonizam um mundo em evolução. Fica nítido aí que as matérias relativas a outras discriminações são as que tem mulheres como personagens principais.

Na semana de 18 a 24 de fevereiro de 2023, o portal Universa publicou 47 matérias, uma média de 6,7 por dia. Destas, 14 (quase 30%) referem-se a chamadas de trechos da entrevista feita por Tati Bernardi com a ex-atriz e ex-apresentadora do CQC, Monica Iozzi, no quadro “Desculpem alguma coisa”. Os seguintes assuntos foram abordados nesta entrevista e mereceram destaque no portl:

- trauma da experiência de ter sido refém de assalto;
- experiência no CQC de ter entrevistado a mãe de Maluf;
- sonho erótico que teve com Angelina Jolie;
- critica a artistas que não se posicionam politicamente;
- violência sofrida pelo ex-namorado.

O cenário do programa relembra uma sala de trabalho com uma quantidade excessiva de informação, uma estética de *bricolagem* (uma estante com vários objetos disponibilizados de forma caótica, caixas de papelão fechadas, mesa com vários objetos e um mural ao fundo com fotos coladas aleatoriamente).



Foto 1 – Reprodução da imagem do videocast “Desculpem alguma coisa”

A estética da bricolagem é uma das marcas da estética pós moderna ou da cultura nos tempos líquidos modernos, como define Zygmunt Bauman (2013). Porém, o objetivo deste artigo não é aprofundar uma análise estética do estudo mas sim demonstrar que esta bricolagem imagética está presente também na própria articulação do raciocínio da entrevistada. Ela não segue uma linearidade de assuntos organizados de acordo com uma lógica das hierarquizações típicas da narrativa jornalística.

Pegando o tema em que mais se aproximaria de um assunto da esfera pública política – artistas que não se posicionam politicamente – a personagem vai tecendo comentários a respeito de Bolsonaro, comenta junto com a entrevistadora de posturas de pessoas que participaram dos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023 até chegar a uma cobrança de posicionamento político de artistas por motivos de transparência.

“Eu prefiro que uma pessoa diga o que ela pensa mesmo que seja diferente do que eu penso” e compara os que não se posicionam a pessoas que se fazem de “múmpias egípcias”.

Em relação a um tema caro ao movimento feminista, a relação abusiva que a atriz disse ter tido com um ex-namorado, ela afirmou que durante a sua juventude namorou uma pessoa que controlava as suas vestimentas e chegou a agredi-la. O debate rolou sobre as imaturidades da juventude que impacta os relacionamentos e a necessidade de se cuidar contra relações abusivas.

Em outra entrevista de Tati Bernardi desta vez feita com a ex-apresentadora Titi Muller realizada no dia 18 de fevereiro de 2023, a entrevistada fala de homens que urinam sentado evitando sujar o vaso sanitário e que isto lhe dá “tesão”. Ainda no campo do erotismo, agora novamente com Monica Iozzi, ela é perguntada sobre bissexualidade que segundo a entrevistadora, “Freud diz que todos nós temos”. Iozzi fala que teve um sonho erótico com Cameron Dias e depois com Angelina Jolie (e confessou que este sonho nunca foi levado para a terapia). Mas confessou que ela é “*muito* hétero”, assim como a entrevistadora.

Uma das reportagens destacadas no dia 24 de fevereiro tem como *título* “*Vĩ líderes tóxicos e resolvi me especializar em felicidade no trabalho*”. Trata-se de uma entrevista com Renata Rivetti, proprietária de uma empresa especializada em “felicidade corporativa”. Segundo ela, na sua carreira profissional (que ela classifica como “bem sucedida”) ela se deparou com pessoas adoecendo por conta de relações tóxicas no ambiente de trabalho. A ideia central dela é que a liderança tem papel fundamental para mudar estas realidades e, por isto, resolveu montar uma empresa de consultoria voltada para a conquista da felicidade.

Algumas ideias da consultora entrevistada:

- a felicidade “pode ser treinada” (grifo meu)

- “A maioria de nós trabalhará mais de 80 mil horas na vida. Se formos esperar para sermos felizes na aposentadoria, será que isso vai acontecer? Felicidade tem a ver com a jornada, com o dia a dia, com o aqui e o agora...” (grifo meu)

- “Pessoas felizes se engajam” (isto é, produzem mais).

Nas matérias que enfocam a temática do racismo, destacamos o artigo de Alicia Klein em que comenta a entrevista realizada com a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco (quase um *making of* da entrevista feita) na qual ela aponta as várias semelhanças entre ela, Alícia (mulher branca) e a ministra Anielle (mulher negra) exceto o pertencimento racial que coloca uma série de diferenças nos percursos entre as duas – e faz isto chamando brancos e brancas para se engajarem na luta contra o racismo para que esta igualdade entre elas seja a marca (entre os traços de igualdade entre elas, a jornalista cita o fato de ambas falarem muitos palavrões, serem autênticas, mães e também terem cursado mestrado nos Estados Unidos).

Na sequência, um depoimento de Rute Pinta sobre a experiência pessoal de trançar cabelos e depois a reprodução de uma notícia da Agência Brasil sobre a sanção presidencial da lei que equipara a injúria racial ao racismo, aprovada pelo Congresso Nacional.

O conjunto de matérias com sua diversidade constrói uma conexão de singularidades que reforça esta perspectiva de transfiguração das esferas e enquadramento das agendas contraculturais.

1º. Os conflitos decorrentes de relações raciais e de gênero são enfocados a partir de experiências dos que sofrem as opressões mas no prisma da vivência pessoal e de comportamentos;

2º. Os problemas decorrentes dos conflitos – infelicidade no trabalho, relações abusivas, barragens por conta do racismo – podem ser equacionados a partir de atitudes (aprender felicidade, conscientizar de lutar contra o racismo, maior maturidade nas relações).

Observa-se assim o que Kellner (2001) chama de um enquadramento dos conflitos contraculturais dentro dos limites micrológicos históricos e culturais. O protagonismo de representações de grupos minoritários nas narrativas deste portal oscila entre uma legitimidade pela condição de celebridade midiática (o que pode a aproximar da condição de olímpicos, no conceito de Edgar Morin) mas ao mesmo

tempo aproxima do público leitor com os depoimentos de vida privada/íntima destes mesmos em que situações difíceis próximas ao que pessoas destes grupos minorizados não alçadas a condição de “representantes” também sofrem no cotidiano. A opressão (racial ou de gênero) não é ocultada e nem minimizada, é criticada duramente, mas enquadrada sistemicamente a medida que a sua superação é dada por um modelo de comportamentos (amadurecimento, engajamento, aprender a ser feliz).

Resoluções constituídas dentro do universo da esfera privada dos negócios (uma empresa de consultoria para ensinar a ser feliz) ou da esfera íntima (amadurecer nos relacionamentos, ter “tesão” por homem que não suja o vaso ou ainda expressar publicamente um sonho erótico homossexual que nem o terapeuta soube) são as formas de enquadramento destes conflitos. A estética pós moderna não se expressa apenas nos cenários de programas de audiovisuais ou na construção narrativa mas na perspectiva ético-política.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipertrofia da esfera privada econômica que avança sobre a esfera público-política e a esfera íntima é uma das manifestações da Ação Direta do Capital. Uma das principais consequências é um enquadramento dos princípios éticos do imperativo categórico em uma comoditização que se expressa por “estilos de vida”. Esta é a equação realizada para absorver as demandas dos movimentos sociais que buscam ampliar a esfera público-política com questões que antes eram restritas as esferas privadas e íntima. Com a colonização da esfera público-política pelos valores típicos da esfera privada-econômica, a agenda das diversidades e o combate aos preconceitos se transformam em comportamentos que podem, inclusive, ser mercantilizados.

A colonização da esfera pública pelo mercado operada pelo jornalismo comercial, conforme já adiantou Jurgen Habermas, transforma a atividade jornalística na principal operadora deste processo. É neste contexto que podemos observar a maior visibilidade da agenda da diversidade nos meios jornalísticos comerciais.

Por isto, na análise realizada no portal Universa, do UOL, observamos a articulação entre narrativas que apontam as desigualdades raciais – e até denunciam

– com iniciativas empresariais que patrocinam eventos, *coaching*, programas motivacionais e apelos para que “brancos tomem consciência da importância de se lutar contra o racismo”.

Retomando o conceito de jornalismo de Genro Filho, observamos que as imediatidades compartilhadas são de práticas pessoais ocorridas dentro do espectro da esfera de vida íntima ou privada com o objetivo de enquadrar conflitos inseridos nos debates da esfera pública. Com isto, o alargamento do arquétipo de cidadão com a transfiguração das cepas do pós-estruturalismo para a teoria pós-moderna como afirma Kellner não significou uma ampliação da agenda da esfera pública e, por tabela, da agenda jornalística no sentido tradicional, mas um deslocamento do jornalismo para o foco em experiências de vida.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido-moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013
- FRASER, Nancy. Do neoliberalismo progressista a Trump - e além. **Rev. Política e sociedade**. Florianópolis, v.17, n. 40, p.43-64, dez. 2018. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2018v17n40p43> acessos em 07 mar. 2023
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Ortiz, 1989
- GROTH, O. **O poder cultural desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HABERMAS, Jürgen. **A mudança estrutural na esfera pública: investigações de uma dimensão na sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. S. Paulo: Abril Cultural, 1974
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Udesc, 2001
- LIMA, Samuel Pantoja (coord), MICK, Jacques et all. **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas de saúde e do trabalho**. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf> acesso em 07 mar. 2023
- MEYER, Phillipe. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação.S. Paulo: Contexto, 2007

OLIVEIRA, Dennis de. Ação direta do capital: o poder do capitalismo contemporâneo. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 15, n. 33, p. 405-421, ago. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 mar. 2023.

SCHIBUOLA, Tatiana. Universa completa um ano. **Portal Universa**. Disponível em <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/imprensa/universa-completa-um-ano-e-apresenta-evento-universa-talks.html>.- acesso 24 fev 2023